

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL

Narrativas infiéis: a ficção como ferramenta na escrita psi

Pietra Pujol Manzoli

Porto Alegre

2019

Pietra Pujol Manzoli

Narrativas infiéis: a ficção como ferramenta na escrita psi

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Luis Artur Costa.

Comentadora: Prof^ª. Dr^ª. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto.

Porto Alegre

2019

Agradecimentos

Escrever é tudo, menos solitário. Minhas palavras, se olhadas bem de perto e com cuidado, são tecidas junto a muitos nomes. Cabe a mim homenagear aqueles que escreveram comigo e que, mesmo sem saber, também são um pouco autores dessa ficção.

Agradeço ao Luis Artur não somente pela orientação deste trabalho, mas por todo o apoio durante a graduação. Não é fácil complexificar nosso campo como tu fazes, muito menos ensinar outros a fazê-lo. À UFRGS e ao Instituto de Psicologia pela formação ética e técnica com efeitos gigantes, nesse momento em que a universidade pública precisa fincar seus pés no chão.

À Vera, porque sem teu apoio, cuidado e segurança, eu não teria a coragem necessária para aprender. À Clarissa, pelo amor, companhia e cafés com escuta. À Paola, por dividir tanto comigo e, mesmo assim, sempre me mostrar novas formas de olhar o mundo. À Betina, pelos momentos em que a diversão e a liberdade tornam-se cintilantes. Ao Fernando, pelas apostas no meu futuro e pelo cuidado. Ao Arturo, pelo carinho e escuta, mesmo que distantes. Ao Ademir, por me ensinar a ouvir o que mais as palavras têm a dizer. À Elisa, Cinésio, Ondina, Nicole, Benício, Bruninho e Adriana, por fazerem parte do que me constitui.

À Giulia, pelos colos, abraços e apostas. À Carol, pela companhia nas andanças de quem busca liberdade. À Meiri, Luiza, Marjorie, Thais, Shay e Sophia, pelas risadas, choros, aprendizados e laços.

Ao Bruno, pelo carinho e por me incentivar diariamente a seguir meus sonhos com persistência. Tu fazes minha vida mais doce, com sementes de maracujá.

A uma versão de mim mesma antiga, reinventada constantemente na memória, que um dia escolheu ser psicóloga. À minha eu atual, que segue escolhendo.

Resumo

A presente escrita aposta no uso da narrativa ficcional como metodologia de pesquisa, quebrando com a escrita fiel ao caso e afirmando a possibilidade de escrever o indizível e o impensável. Para tanto, a pesquisadora parte de uma experiência de acompanhamento terapêutico, criando uma escrita que assemelha-se a um romance policial. A escolha de tal estilo, entretanto, não busca reproduzir seus clichês, mas quebrar com eles e visibilizar suas similitudes com a escrita psi e com o olhar da ciência. A partir da estética do inacabamento, coloca em questão culpa, responsabilidade, arte, ciência, diferença e repetição, visibilizando os paradoxos existentes entre tais conceitos.

Palavras-chave: narrativa ficcional, romance policial, clínica, fragmento

Abstract

The present writing affirms the use of fiction as a research methodology, breaking with a accurate writing of the case and affirming the possibility of writing the unspeakable and the unthinkable. To this end, the researcher starts from an *acompanhamento terapêutico* experience, creating a writing that resembles a detective novel. The choosing of this style, however, doesn't intend to reproduce its clichés, but to break up with them down and make their similarities with psychological writing visible. From the aesthetics of unfinished, this work questions guilt, responsibility, art, science, difference and repetition, making visible the paradoxes that exist between these concepts.

Keywords: fiction, detective novel, clinic, fragment

Sumário

A detetive-psicóloga e o mistério do carregador	6
Capítulo 1	6
Capítulo 2	12
Capítulo 3	26
Capítulo 4	29
Introdução	30
Os paradoxos e os custos de escrever nas brechas dos planos do conhecimento	32
Romances policiais como disparadores para a escrita: a detetive-psicóloga que procura as peças faltantes de um quebra-cabeça	36
O que fazemos com o inacabado?	38
Referências Bibliográficas	40

A detetive-psicóloga e o mistério do carregador

Capítulo 1

Desço do carro, arrependida de ter colocado um sapato de camurça. A rua não é asfaltada e, após a chuva da noite, tudo virou barro. Estaciono e vou pulando de espacinho seco em espacinho seco de terra, sem conseguir defender o calçado do perigo.

Paro em frente ao muro grande, com um portão decorado com flores de ferro. Em uma placa desbotada, o lugar me cumprimenta: “Morada Velha Alegria. Bem-vindo!”. Apesar da mensagem convidativa, noto várias marcas no plástico desbotado, provavelmente feitas pela passagem do tempo. Não deixo de imaginar quantas pessoas já foram recepcionadas por ela - será que chega na casa dos milhares? Toco a campainha e ninguém atende, até que escuto passos rápidos e um “já vai”. Através das grades do portão, uma moça de avental me diz que eles saíram com o controle para comprar pão e que não consegue abrir a porta pra mim.

— Não, ninguém aqui tem a chave não, é só o controle do portão. Aham. Uns 5 minutinhos. Agora vou correr pra cozinha rapidinho, deixei o arroz no fogo, vai queimar.

Espero, olho pro sapato embarrado. Olho pro cenário embarrado. Um terreno grande do outro lado da rua, com um cavalo ao longe. Ele come grama com a tranquilidade de quem pertence àquele lugar. Analiso o sapato outra vez. Merda, talvez fique manchado mesmo.

Passado algum tempo, chega um carro. Abrem a garagem, mas não abaixam o vidro para falar comigo como eu esperava. Mesmo assim, me esgueiro pelo portão antes que ele feche e sigo o carro, entrando rapidamente pela longa garagem.

Sou recebida por muitos latidos que vêm de um canil dentro do pátio. Muitos cachorros, talvez dez, e um cheiro de urina que dói o nariz. Cuido para não pisar em nenhuma poça amarela pelo caminho, poupando o sapato de novos percalços. Sigo andando pela garagem ao encontro do casal carrancudo que, desta vez, parece me aguardar. Me apresento, digo o que vim fazer ali. A mulher de meia idade me responde, enquanto o homem segue andando para os fundos do prédio, como se houvesse entre eles um acordo tácito de que é ela quem lida com novos visitantes.

— É do ministério público? Olha, aqui a gente segue tudo direitinho, um colega teu veio na semana passada, tirou foto das vovós, conversou com algumas delas, saiu bem satisfeito. Quer ver a cozinha? É bem limpinha, eles comem uma comida deliciosa, melhor do

que a que eu como em casa. Ah, não é por isso que tu veio não? Veio por quê? Denunciaram o roubo de um carregador de celular? Tem certeza? Bom, pode entrar e falar com as vovós, mas elas sequer sabem ligar o rádio, imagina usar um celular!

Ela ri, deixa que eu entre na sala do estabelecimento, mas não me acompanha. Enquanto limpo meus pés no capacho da entrada, algumas senhoras sentadas no sofá me cumprimentam. Escuto o volume alto da televisão que algumas parecem assistir - outras, suspeito, apenas olham fixamente à tela. Digo bom dia, falo meu nome e pergunto se alguma delas teve o seu carregador de celular roubado.

— Celular? Não tenho isso não menina, não tem porquê. Hoje em dia tá muito caro, as companhias telefônicas roubam de todo mundo. É, nesse país só tem roubo mesmo, rico roubando de pobre, pobre roubando de pobre e de rico também. No meu tempo não era assim.

Uma senhora quieta no cantinho, que se apresenta como Madalena e usa um batom vermelho bem forte, diz que deve ter sido o carregador da menina, porque às vezes escuta ela chorar.

— Está no quarto do corredor à esquerda. Deve estar dormindo, então cuida pra não acordar.

Não preciso bater na porta, ela já está aberta. Deitada em uma cama de ferro, uma senhora assiste à televisão. Uma prótese de perna encostada na parede, com quem a vovó parece conversar, a acompanha de perto. Ou talvez esteja sussurrando apenas para si mesma. Na mesinha de cabeceira, os retratos de um jovem casal com o seu bebê, que dorme no colo da mãe, parecem esquecidos.

Os cobertores da cama ao lado estão emaranhados, e demoro a perceber que sob eles se esconde mais uma pessoa. Não se trata de uma senhora e também não há próteses ou sussurros. Será que assiste à televisão ou apenas finge prestar atenção na previsão do tempo?

Ao redor da cama, vários bichinhos de pelúcia esparramados ocupam tanto espaço quanto a moça. Parece ser a menina de quem a senhora falava. Certamente é a pessoa mais nova que vi ali, ainda que pareça ter uns quarenta anos. O que faz em um lugar como aquele?

Pergunto se alguém ali teve um carregador de celular roubado. Ela levanta de supetão. Com uma boneca no braço, arruma a cama e calça os chinelos, apertando um celular desligado com a mão livre. Os olhos arregalados e a boca em movimento, torcendo a cada segundo, me fazem pensar que tenta - sem qualquer sucesso - dizer alguma coisa.

— Ah, foi o teu carregador que roubaram, então?

Espero por alguns segundos, enquanto ela me olha em silêncio. Será que ela não quer minha ajuda para recuperar seu objeto roubado? Será que ela sabe falar?

— O que foi, não gosta de falar sobre isso?

Novamente, apenas silêncio.

— Moça, preciso que tu me diga como foi que aconteceu, assim consigo informações para poder investigar.

— É, pra tu poder investigar. Roubaram. O carregador.

— Sim, isso eu já entendi, mas quando foi o roubo? Tu sabe quem pode ter sido? Acha que foi alguma das vovós?

— É. As vovós.

Depois de me olhar com tristeza por alguns segundos, ela se estica para pegar atrás de sua cama uma bolsa rosa. De dentro dela, tira uma pequena sacola de feltro, verde com estampa de ursinhos, em que coloca o celular que segurava.

— Eu guardo o carregador aqui. Não sei o que aconteceu, eu fui pegar ele pra carregar meu celular e não tava mais aqui dentro. Não sei o que aconteceu, se alguém pegou. Não sei.

— Deixa essa sacolinha comigo. Vou olhar ela com calma, ver se alguma coisa nela pode nos ajudar a descobrir o que aconteceu com o teu carregador. Posso te fazer algumas perguntas antes? Quando foi a última vez que tu viu ele? Alguma vez tu já emprestou ele pra alguém?

— Não sei, na outra noite eu tava com ele, escutando Luan Santana. Fui olhar e não tava mais. Não empresto pra ninguém não, só pro Júlio.

— Júlio? Quem é Júlio? Ele mora aqui também?

— É. O Júlio. Mora, mora.

— Ele é teu amigo? Ou ele trabalha aqui?

— É meu amigo.

— Ele é idoso?

Ela não responde, apenas segue me olhando enquanto movimenta a boca.

— Tá certo, vou andar por aí e ver se encontro mais alguma coisa, já que tu está quieta. Vou procurar o Júlio também. Me liga se tu lembrar de alguma coisa que acha importante, vou deixar meu contato contigo.

Abro minha bolsa e entrego meu cartão de visitas. Pego um saquinho plástico, no qual coloco a sacolinha que a moça silenciosa me entregou, dobrando com cuidado para não

amassar. Já estou quase na porta aberta do quarto quando percebo que não sei o nome dela, e ela tampouco conhece o meu. Sou a Paula, me apresento. Marcele, responde a moça. Quando saio pela porta, sinto que deveria ter me apresentado para a boneca também. Penso em voltar, mas tenho muito o que fazer, então apenas sigo em frente.

Dobrando no corredor, descubro mais dois quartos. No primeiro, encontro três senhoras, cada uma em sua cama. Duas delas dormem, e a única acordada me cumprimenta com um sorriso desdentado, sem tirar os olhos da televisão. Pergunta quem eu vim visitar.

— Não, não vim visitar não, estou investigando o roubo de um carregador de celular, a senhora viu algum por aí?

— Olha, moça, se está querendo me acusar pode ir embora. Eu não sou ladra não. Nos meus oitenta e seis anos de vida, não roubei nem fruta da árvore do vizinho, sou uma mulher honesta e justa. Já dizia o meu filho Otávio... ah, o Otávio. Saudades dele. Falou que ia me levar para a praia com o resto da família em janeiro para eu tomar um banho de mar. Tomara que ele venha me buscar.

Me afasto, enquanto a senhorinha se perde em devaneios sobre o passado. Tento deixar de lado a pontada de tristeza, também quero que Otávio envergonhe-se pelo sumiço e venha ver a mãe. Procuo as tomadas do quarto e descubro todas vazias, algumas até desencapadas. Esquisito. Esperava que uma instituição com tantas pessoas tivesse mais cuidado com esse tipo de detalhe.

— Vocês já levaram choque nessas tomadas?

— Olha, moça, eu nunca levei, mas a Teresinha já, no outro quarto. Pobrezinha, soltou um berro horrível, achei que tivesse visto um rato. Não, não sei o que ela tentou ligar na tomada. Deve ter sido a televisão. Ou quem sabe um lençol térmico, ouvi dizer que a filha traz vários presentes. Eu queria um lençol térmico pra não pegar friagem, sabe?

Me despeço ao sair, mas não obtenho resposta de nenhuma das três. Atravesso o corredor até o outro quarto aberto. Mesmo cheio de camas - conto ao todo seis - apenas uma delas está ocupada. Uma senhora, deitada por cima de um cobertor estampado por enormes rosas, escuta o rádio e cantarola junto à música que toca.

— Boa tarde, me chamo Paula e estou investigando o roubo de um carregador de celular.

Seu rosto baixo me devolve um sorriso.

— Eu sou a Teresinha, não sabia nada disso de roubo de celular. O que aconteceu? Entrou bandido aqui? Eu falo há meses pra enfermeira que só a cerca elétrica do muro não resolve, tem que colocar câmera e alarme em tudo. Onde já se viu, parece que esquecem que aqui também é Porto Alegre!

— Não se preocupa, Dona Teresinha, ninguém entrou aqui não, não que eu saiba, pelo menos. Acho que foi alguém de dentro que pegou. Me conta, uma senhora disse que tu levou um choque quando foi ligar alguma coisa na tomada. O que era?

O sorriso e a calma desaparecem, uma vermelhidão toma conta do rosto enrugado.

— Era meu rádio que eu tentei ligar, mas a tomada estava sem capa.

— Por que a senhora queria ligar um rádio a pilha na tomada se nem fio ele tinha?

Ela se coloca de pé em um segundo, o dedo apontado a centímetros do meu nariz.

— Eu não te devo satisfação nenhuma do que eu faço ou deixo de fazer, tenho que prestar contas só com Deus. Agora me faz um favor, sua metida, e sai pelo mesmo lugar por onde tu entrou.

O dedo treme, bem como seus olhos. Sei que a boca fechada e franzida pode a qualquer momento se abrir e disparar insultos piores, por isso peço desculpas pelo incômodo e vou em direção à porta, mas dou meia volta.

— A senhora por acaso conhece um tal de Júlio?

— Eu já falei pra sair, sua enxerida! Nunca ouvi falar de Júlio nenhum não e, mesmo se tivesse ouvido, não ia querer te ajudar. Agora vai, anda, para de incomodar meu silêncio.

Saio do quarto anotando o nome de Teresinha no meu caderno, separado especificamente para essa investigação. Não sei o que ela esconde ao se defender com tanta raiva, mas certamente falou menos do que sabe.

Ao deixar a peça onde vivem as vovós e Marcele, caminho em direção à casinha dos fundos. Vejo entrar o casal ranzinza que me recebeu, caminham ao lado de uma piscina que não parece ser usada com frequência, poluída por uma sujeira verde e escura. Dois velhos sentam-se ao sol em frente à uma casa ainda menor. Um deles gesticula para mim, e resolvo parar por um minuto.

— Boa tarde, me chamo Paula. Algum de vocês é o Júlio?

— Júlio? Quem é esse? Aqui não tem Júlio não, nem morador nem trabalhador. Além de mim, Carlos, tem só o Juca e o Clodovil, que fica sempre deitado. Coitado, fica só no quarto escuro, sem pegar um sol. Faz bem, sabe, menina? Deixa a pessoa saudável.

Carlos é um senhor pequeno e magrinho, e senta numa cadeira de praia com uma revista na mão. Juca sorri ao ouvir seu nome, mas segue silencioso. Agradeço e sigo meu caminho até a casa dos fundos.

É um espaço curto com muitas janelas de vidro. Lá, o casal está preparando um chimarrão, enquanto uma senhora fala ao telefone e uma criança brinca no chão com um carrinho de controle remoto. O homem carrancudo me cumprimenta ao entrar.

— Achou o que precisava aqui, moça?

— Na verdade, ainda não achei não, queria fazer algumas perguntas para vocês, pode ser?

A senhora coloca o telefone no gancho e me olha com o rosto franzido.

— O que tu veio fazer aqui mesmo?

— Vim investigar o roubo de um carregador de celular. Sei que era da moradora Marcele.

— Ah, a Marcele, sim, sim. Escuta, menina, sou a Luzia, a dona do asilo, e conheço bem a Marcele. Pobrezinha, ela parece uma criança, ingênua, ingênua.

— É, é sobre ela mesmo que quero saber mais. A senhora conhece um tal de Júlio? A Marcele disse que emprestava o carregador pra ele.

— Não, não conheço ninguém chamado Júlio. Mas deixa eu te dizer uma coisa, moça, essa menina é meio doida, vive falando com os bichinhos de pelúcia. Esse moço deve ser invenção dela, um amigo imaginário, sabe? Ela não tem muita noção do mundo, deve se sentir sozinha, coitada.

A mulher carrancuda despeja água quente na cuia enquanto balança a cabeça em concordância com Luzia.

— Minha mãe está certa, vai ver o carregador nem foi roubado, não dá pra acreditar no que ela fala, pode ter sido só delírio mesmo. Eu acho que tu já pode ir embora, deve ter compromissos mais importantes que esse, não?

Quando saio, percebo que tudo segue igual. O casal toma chimarrão, Luzia volta para o telefone e a criança continua brincando. Os senhores ainda sentam ao sol, o cheiro da urina dos cachorros continua forte e eu, mais uma vez, espero que a cozinheira pegue a chave com eles para que eu possa sair. A única diferença é que, dessa vez, vejo Marcele acenar da janela, e aceno de volta em despedida. Será que era tudo mentira? Não existe um Júlio ou sequer o carregador?

Capítulo 2

Ligo o rádio do carro enquanto pego meu caderninho, esperando que a chuva diminua um pouco. Não sei o que pensar. A música suave soa esquisita, e as palavras da cantora de voz doce marcam os silêncios da minha conversa mental e privada. O que faço aqui? Se Marcele é louca a ponto de inventar um amigo com quem partilhar o carregador, teria ela inventado o roubo também? O que ela quer com isso?

Será que estou aqui achando que investigo um caso complexo, mas, na verdade, minha tarefa é entrar na sua mentira apenas para fazê-la companhia no quarto povoado por pelúcias? Será que ela pensa que, enquanto eu estiver ocupada com a investigação, terá alguém com quem possa conversar? É possível, afinal um asilo pode ser bem solitário. Imagino que ela não seja a primeira pessoa a entrar em contato com autoridades só para passar o tempo. Eu, por exemplo, certamente enlouqueceria se ficasse presa naquele quarto. De qualquer forma, pretendo resolver esse assunto hoje mesmo.

Minha profissão exige algumas precauções e, por isso, bolei um plano para avaliar a sanidade mental de Marcele. Na página do caderno estão dispostos alguns tópicos, detalhadamente descritos abaixo do título “Confronto”. Repasso minhas anotações, adiciono alguns asteriscos ao lado daquilo que considero mais importante, respiro fundo e abro a porta, cuidando para que meu guarda-chuva abrigue meu corpo. Hoje fui mais esperta e troquei o sapato de camurça por uma galocha. Nem barro, água ou urina podem sujá-la.

Aperto a campainha. A cozinheira não demora para abrir a porta. Estranho, já que na semana passada esperei minutos em frente às grades.

— Bom dia! Hoje vou poder entrar rápido, então?

— Eles estão em casa, moça. Eu já tava com o controle do portão para abrir pra senhora.

— Obrigada, com essa chuva ia ser bem ruim de esperar mesmo, imagina se faltar luz!

— É verdade, graças ao bom Deus isso nunca aconteceu aqui não, moça. Ah, me falaram que tu já pode entrar no asilo, sabe onde fica a porta, né?

Prestes a encostar na maçaneta da porta da casa das senhoras, escuto um grito.

— Ah! Eu já falei que não quero!

— Fica quieta, para de gritar! Quer que as visitas escutem? Eu já falei, dona Nair, a senhora não tem escolha.

De repente, silêncio. Silêncio da senhora que parece calar-se e silêncio meu, na tentativa de escutar o que se passa, aproximando os ouvidos da parede, bloquear os ruídos ao modular meu processo atencional. Nada. Tudo quieto.

Ao abrir a porta, finalmente escuto um som - o da televisão. Silenciosamente sentadas ao redor da tela, as senhoras aprendem a cozinhar um feijão perfeito. Há quanto tempo não preparam sua própria comida? Algumas respondem ao meu cumprimento de bom dia. Teresinha vira o rosto, murmurando para si mesma em tom de deboche. Não consigo discernir as palavras, mas vejo que ela ainda lembra do nosso pequeno desentendimento - eu tampouco esqueci, e volto a anotar seu nome em meu caderno.

Antes de ir até o quarto de Marcele, entro pelo corredor em busca do banheiro, de onde parece ter vindo o som. Lá, a mesma senhora triste com o sumiço do filho Otávio está sentada em um banquinho, com o rosto fechado, enquanto uma mulher vestindo um avental branco corta seu cabelo.

— Bom dia. Tem algo de errado? Eu ouvi gritos.

A senhora, que agora sei que se chama Nair, tenta levantar da cadeira com raiva, enquanto a mulher, em pé, coloca a mão em seu ombro com o intuito de pará-la.

— Ai, moça. Tu não sabe como eu sofro. Essa mulher aqui insiste em cortar o meu cabelo, mas eu não quero. Já falei, gosto dele longo, comprido, como quando eu era moça. Eu era tão bonita, todos os homens se ajoelhavam aos meus pés. Ah, eu aproveitei a mocidade, não sou que nem os jovens de agora...

Com a tesoura na mão, a mulher me olha com um sorriso cúmplice, que eu não devolvo.

— Viu? Não tem porque se preocupar. Ela é cheia das manias. Nair, vira aqui pra eu poder tirar teu buço.

Ao sair do banheiro, vejo de relance a cena: a mulher de branco aproximando uma lâmina de barbear da boca de Nair. O rosto imóvel, os olhos fechados. Os meus seguem fixados à cena. A lâmina raspando na pele enrugada - seca, sem creme, sem sabonete, sem nada. Raspando, raspando e raspando. Quase consigo ver as lascas de pele que se vão junto aos pelos finos, o som áspero de corte e de quebra. Por que ela segue sentada? Por que não

levanta, por que não se nega a cortar o cabelo e raspar o rosto? Se fosse eu, certamente já teria feito minhas malas e ido embora.

A passividade da senhora, resignada com seus olhos fechados, torna-se pesada demais para suportar. Aos poucos, desvio meu caminho pelo corredor, quase sem fazer barulho. Sinto-me como mais uma cúmplice daquele pacto de silêncio.

Deitada debaixo das grossas cobertas, Marcelle abraça suas pelúcias como se as protegesse dos perigos além do quarto.

— Oi, Marcelle, sou a Paula, lembra de mim? Posso entrar?

Ergue-se da cama em um segundo. Com a boneca no braço e os calçados nos pés, alisa os cobertores antes de se sentar. Os olhos cheios de expectativa acompanham a boca que mexe como se quisesse me dizer algo.

— Podemos conversar um pouco?

Ela não me responde, mas a expressão no seu rosto parece aceitar meu convite. Puxo uma cadeira que estava encostada na parede oposta à cama. As anotações que preenchem o caderno apoiado sobre o meu colo asseguram-me de que pode ser possível compreender o silêncio de Marcelle. Tenho algumas hipóteses: talvez ela não goste - ou simplesmente não consiga - falar de si. Conheço algumas pessoas que, devido às suas histórias de vida problemáticas, não conseguem emitir qualquer significado sobre si mesmas. Pode ser esse o caso. Ou, quem sabe, ela é de fato culpada por sua mentira - escondeu o carregador e inventou uma história para ganhar um pouco de atenção num asilo com tantos moradores. Deve falar pouco para não se incriminar, assim esconde possíveis deslizos no discurso, evitando provas de sua impostura. Quem cala consente. Respiro fundo e releio rapidamente as perguntas que anotei anteriormente.

— Como foi a semana? Lembrou de mais alguma coisa que pudesse me falar sobre o carregador, como eu tinha pedido?

— É, o carregador. Não, não lembrei não. Não vi ele também, já faz muito tempo.

— Faz quanto tempo? Tu lembra?

— É, não sei, uns dias.

— Dias? Tu viu ele desde a outra vez que eu vim?

— Não, moça, já faz muito tempo. Anos.

— Anos? Se faz tanto tempo assim, porque só agora me chamaram para investigar?

— É, não sei, não sei. Faz tempo.

Esquisito, sem dúvida. Parece um argumento falho demais - quem não lembra da última vez que viu seu objeto perdido? Talvez ela não tenha pensado que alguém investigaria sua história a fundo, não se preocupou em criar uma farsa convincente. Talvez seja apenas uma péssima mentirosa.

É possível, ainda, que a perda do carregador seja uma simbologia. Marcele não deve perceber isso, mas ele pode ser fruto de memórias infantis recalçadas, por isso a confusão com a temporalidade. Afinal, o que é recalçado segue atuando no presente - o carregador pode ter sido roubado há uma década ou há dez dias, mas o impacto psíquico segue o mesmo.

— Imagino que deve ser difícil pra ti, passar tanto tempo sem carregador, não é? Como tu faz para carregar tuas dores agora?

— Carregar minhas dores? Não tenho nenhuma dor não. É, nenhuma dor.

— Nenhuma mesmo? Tu não consegue pensar em nada?

— É... pensando bem eu tenho uma dor nas costas. Deve ser do colchão.

— E alguma dor mais interna, tu tem?

— Não, interna não. Só quando eu tomo muito leite. É, muito leite.

Como pode uma pessoa resistir tanto a se expressar? A saída dela é típica das pessoas que não conseguem produzir significado sobre o que ocorre consigo - não duvido que a intolerância à lactose seja uma somatização de seu sofrimento. O que será que Marcele não consegue digerir?

— E mais interna que isso? Alguma dor emocional, alguma tristeza?

— É, eu sinto falta do Júlio. Do meu pai também.

Estamos, enfim, chegando em algum lugar. Talvez Marcele opere a partir de uma saída perversa, subvertendo o nome-do-pai e inventando uma mentira criminosa sobre o roubo de celular. Talvez histérica, se pensarmos que ela quer chamar a atenção. Até mesmo psicótica, forcluindo a lei e delirando sobre um tal de Júlio e um carregador que ninguém viu. O carregador é uma figura fálica que penetra a tomada. Interessante.

Claro, pode ser que Marcele seja neurótica e apenas teve seu carregador roubado como uma pessoa comum. Me inclino um pouco mais na cadeira, aproximando os ouvidos para escutar o desenrolar de sua história.

— Onde teu pai está? Como era a relação de vocês?

— Morreu. Boa.

— Há quanto tempo ele faleceu? Como foi tua infância?

— Morreu faz tempo, era muito boa.

Deixo minhas costas caírem sobre o encosto mais uma vez, tentando respirar fundo. Já esperava uma resistência de Marcele, mas não pensei que seria tão forte. Imagino que falar sobre a figura paterna seja difícil para ela, então vou aproveitar o deslizamento no significativo que ofereceu - se falou do pai e de Júlio ao responder à pergunta, deve existir aí alguma repetição do sintoma.

— E há quanto tempo tu não vê o Júlio? Sabe onde ele tá?

— Não, não sei não, a gente conversava todo dia e do nada ele sumiu.

— Conversavam todos os dias? Ele vinha aqui no teu quarto?

— Não, a gente sentava juntos no jardim pra pegar sol.

— Ah, entendi. E sobre o que vocês conversavam?

— Não consigo lembrar direito.

Não tenho dúvidas de que Marcele está recalçando o conteúdo de suas conversas. Por que é tão difícil de lembrar? Meu relógio de pulso mostra que a conversa, apesar de pouco produtiva, já se alongou demasiadamente. Sigo para minha próxima estratégia.

— E o que tu pensa que aconteceu com ele?

— Ah, não sei. Acho que ele morreu, foi morar num mundo diferente desse.

Interessante, interessante mesmo. Todos os pontos atados - o sumiço de Júlio é ainda uma forma do inconsciente de Marcele reeditar a perda do pai no tempo presente. Isso muda completamente o sentido da minha investigação.

Após me despedir de Marcele, agradecendo pelo tempo que disponibilizou para o meu trabalho com um sorriso de satisfação, sigo até a casa dos funcionários. Lá, encontro somente Luzia.

— Oi, menina, ainda anda por aqui? Achei que tivesse encerrado o teu trabalho na semana passada.

— Não, ainda não acabei, mas acho que já estou chegando a uma resposta. Pensei muito no que a senhora me disse antes, sobre a Marcele inventar histórias. Tu sabe se ela já teve algum amigo imaginário chamado Júlio? Alguém com quem ela fingia conversar no jardim?

— Olha, eu já te disse, aqui nunca teve Júlio algum, nem de imaginação e muito menos de verdade, e nunca ouvi ela conversar com ninguém no jardim, ela só puxava uma

cadeira pra pegar um sol. Mas já faz tempo, hoje em dia ela só quer saber de ficar deitada com aqueles brinquedos.

— É mesmo? Onde ela costumava sentar? Pode me mostrar?

— Ela sentava ali, perto da horta, tá vendo? Quase antes de começar a grama.

Avisto uma cadeira de praia fechada, encostada em uma parede coberta por um telhado estreito. A chuva passou há horas, mas quando abro a cadeira preciso secar os pingos que ficaram no assento com a manga do casaco. Posiciono-a exatamente na área que, de acordo com a posição solar e o tamanho do prédio, receberia a iluminação perfeita em um dia de primavera. Apesar do céu nublado, imagino perfeitamente o cenário e quase consigo sentir o sol acariciando a minha cabeça, repousada sobre o encosto da cadeira.

A única coisa que faltaria ao descanso perfeito é uma cuia de chimarrão e uma bergamota para melar os dedos. Procuro uma árvore farta que encontraria nesse quintal uma boa morada. Lá está - primeiro penso ser uma laranjeira, mas ao me aproximar e ver os frutos apodrecidos caídos no chão, reconheço a bergamoteira. Subo na ponta dos pés para pegar uma fruta dos galhos mais baixos e reconstruir com perfeição a cena que imaginei na cadeira, quando um rabisco entra em meu campo de visão. Entalhados no topo da árvore, os dois nomes foram escritos de formas muito diferentes - o primeiro em uma letra pequena e simétrica, o "M" mais parecendo uma fogueira, tamanha a proximidade dos riscos. O segundo é maior, ocupa o dobro do espaço, inclinando-se aos poucos para o alto. “Marcele e Júlio, 15/08/2017”.

Não parecem ter sido riscados pela mesma pessoa. Caso fossem, o responsável deveria ter um mínimo estudo em grafologia. A serena imaginação é subitamente importunada pela tarefa a cumprir. Será que Marcelle possui os conhecimentos necessários para forjar uma caligrafia? Ou será que outra pessoa assinou o nome de Júlio? Teria sido o próprio Júlio?

Após fazer curtas anotações em meu caderno, fecho a cadeira de praia e a encosto na parede onde estava. A casa dos senhores, a alguns passos de distância, parece deserta à primeira vista. Carlos e Juca não estão sentados ao sol devido ao tempo nublado que adianta a noite. Ao entrar, não encontro a grande sala de TV da casa das senhoras, mas um pequeno corredor habitado por duas poltronas vazias. Parecia uma recepção médica. Ao passar por uma das três portas abertas, me deparo com um quarto ocupado por um velho gordo e ofegante. Coberto por uma grossa manta, Juca assiste à televisão.

— Oi, Juca, sou a Paula. Lembra de mim? A gente se conheceu na semana passada.

Os olhos vagarosos e sonolentos demoram para chegar até mim. Recebo apenas um resmungo e um sorriso.

— Escuta, eu preciso de algumas informações para a minha investigação. Tu pode me ajudar?

Ele assente com a cabeça, novamente sem uma resposta verbal.

— Onde ficam as roupas de vocês? Cada um tem seu armário próprio? Ou vocês dividem o mesmo?

Ele se apoia nos braços para se sentar, tossindo um pouco. Sua voz é fraca e rouca.

— Tem um quarto, é a primeira porta à direita no corredor. Só não faz bagunça, moça, por favor. A enfermeira vive nos xingando por causa disso, é um horror. Aí já sabe, a gente que leva sermão.

As roupas não foram cuidadosamente organizadas em um armário, como eu imaginava. No cômodo escuro, pilhas e pilhas de roupas amontoadas em duas grandes estantes exalam um cheiro insuportável de naftalina. Levo as mãos ao nariz a fim de conter um espirro. Ao me aproximar, vejo que cada prateleira possui uma etiqueta com um nome, a maioria desconhecidos por mim. Vejo o de Juca Loureiro e de Carlos dos Santos, conforme escrito na pequena tira papel grudada com durex - cada uma contendo uma pilha de roupas, alguns remédios e materiais de higiene. Também estão ali os nomes de Francisco Azevedo, Sebastião Oliveira, Benedito Rodrigues, Severino Araújo. São pilhas diferentes das outras - as roupas mofadas e empoeiradas parecem abandonadas há muito tempo. Imagino que seus donos tenham morrido e que os administradores do asilo não tiveram a paciência ou o tempo de se desfazer das peças órfãs. Provavelmente ficarão paradas por mais alguns anos, até que sejam doadas para uma instituição de caridade no próximo inverno congelante.

Ao caminhar pelo cômodo, enxergo outro nome em uma prateleira mais baixa, perto do canto da estante. Aproximo o rosto para enxergar a etiqueta. “Júlio da Costa”. Essa prateleira, ao contrário das outras, está ocupada apenas por alguns rastros de poeira, não há roupas ou pertences pessoais.

Imediatamente volto ao quarto, onde Juca parece ter engatado uma soneca. Desperta com o barulho das batidas na porta aberta.

— Seu Juca, desculpa te incomodar, mas preciso te fazer perguntas muito importantes.

Ele assente, sentando-se encostado contra a cabeceira da cama.

— Eu já sei que existiu um Júlio aqui. Vi o nome dele nas prateleiras de roupas. Não sei o porquê, mas parece que os donos querem esconder isso de mim. O que aconteceu?

Ele parece indeciso, olhando de um lado para o outro com a boca retorcida. Respira fundo por alguns segundos.

— Ah, eu não ia falar nada, mas que se dane. Não estão me pagando pra ficar de bico calado e, desde que voltei a votar, posso falar o que quiser neste país. O Júlio morou aqui por muitos anos, não sei quantos. Era um cara muito simpático, jogávamos canastra à noite, mas tinha problema no coração, sabe? Um dia, numa manhã bem fria, passou mal, e a enfermeira desesperada ligou para a SAMU. Mas aqui é longe de tudo e até a ambulância chegar demorou. Pior ainda, o portão estava fechado quando chegaram, não conseguiram entrar pra pegar o velho. Morreu no meio do caminho, enquanto a enfermeira e o dono tentavam arrastar o Júlio até a porta da frente. Depois disso, todos ficaram com medo de que alguém prestasse uma queixa para o Ministério Público. Convenceram a gente a nunca falar dele pra ninguém porque, se soubessem, fechariam o lugar e não teríamos pra onde ir. E pior que é verdade mesmo. Aqui não é hotel de luxo, mas tem muito asilo ruim por aí. Aqui a gente já tem amigos, rotina... e a comida é boa.

— E por que o senhor resolveu me contar isso agora? Não vai te causar problemas?

— Se tu não contar que falei, não. Mas, se quiser pode falar também. Chega uma idade em que a gente para de se importar com as coisas. A verdade é a única virtude da vida. Um homem verdadeiro é um homem em paz...

Seu Juca, que antes era silencioso, parece ter muito a dizer. Não há dúvidas de que o velho seguiria falando independentemente do tempo que eu pudesse ficar ali. Mas tenho algo muito importante a fazer, e me despeço antes que ele comece a contar uma história de um certo alguém que perdeu todo o seu dinheiro por causa de uma mentira.

Deixo a casa dos senhores enquanto formulo muitos planos silenciosos. O que faço? Aparentemente existe aqui um grande descaso acontecendo com os moradores. Ainda que o “acidente” com Júlio tenha acontecido e resultado em sua morte, nenhuma cópia da chave do portão foi feita. Parece que querem manter o local trancado a qualquer custo, com um controle máximo de entradas e saídas. Isso, ou simplesmente não enxergam a importância da cópia para a segurança dos moradores.

Me sinto ingênua de ter confiado em Luzia e no casal, com sua história de que Júlio e o roubo do carregador eram invenções de Marcelle. Eu deveria saber, no meu trabalho nada é tão simples assim.

Recordo-me da bolsinha de feltro que guardava o carregador perdido. Enviei pelo correio para que um amigo meu, especialista nesse tipo de análise, procurasse alguma pista no tecido - impressões digitais, marcas de gordura, essas coisas. Não me admiraria nada encontrar ali um fio de cabelo encaracolado como os de Luzia, ou um traço do batom da mulher de branco que obrigava Nair a cortar os cabelos. Quem são essas pessoas? O que é esse lugar? Mais importante: o que faço aqui?

Sei que com novas informações precisamos ser cautelosos. É importante sentir o terreno, encontrar outras evidências que corroborem com a nossa hipótese para que, apenas após uma reflexão cuidadosa, possamos lançá-las aos outros. Ainda não é hora de confrontar a equipe do asilo. Antes disso, preciso explorar alguns lugares, como quem não quer nada - essa é a melhor máscara, descobri ao longo do tempo. Caso contrário, as pessoas se sentem paranóicas e invadidas, o que é fatal em um trabalho investigativo.

Caminho ao longo do pátio até um pequeno anexo à casa da equipe. Lá, encontro a cozinheira que havia aberto a porta para mim algumas vezes, cortando com incrível rapidez cebolas separadas na bancada. A pele negra contrasta com o uniforme branco, a touca - de aspecto hospitalar - esconde seus cabelos. Seus olhos focados demoram até abandonar a tarefa, ficando quase fechados ao acompanhar o sorriso de cumprimento.

— Bom dia, moça!

— Bom dia! Vim atraída até aqui por esse cheiro maravilhoso. O que você está preparando?

Ela se encosta na bancada enquanto seca as mãos em um pano de prato, parecendo feliz com a interrupção.

— O cardápio de hoje é só coisa boa: arroz, feijão, guisado, repolho refogado e salada.

Me aproximo do fogão para olhar as panelas e sentir melhor o cheiro. Realmente, parece um ótimo almoço. Os moradores estão trancados, mas pelo menos comem bem.

— E não é difícil cozinhar para tanta gente? Fiquei pensando agora que cada idoso deve gostar de uma coisa diferente, ter alguma restrição alimentar...

— Ah, isso é difícil sim, mas ao longo dos anos a gente se acostuma, né? Já sabe das manias de um, da doença de outro...

— Bah, eu só imagino. A Marcele é uma que deve comer de tudo, já que é nova, né? Agora, eu fico pensando como deve ser a Teresinha, a Nair, o Juca, o Júlio...

Ela procura uma cadeira que estava no canto do cômodo para que possa sentar despreocupada, enquanto se serve de um copo d'água.

— Realmente, alguns são mais complicados. A Teresinha é uma que não pode ter uma cebolinha no prato que faz um escândalo danado. Já o Júlio, que Deus o tenha, era celíaco, pobrezinho. Na hora do lanche era difícil: não podia pão, não podia bolo, não podia bolacha. Só sobrava gelatina, e ele ainda comia bem pouquinho. Era magrinho, magrinho. Dava uma preocupação. E olha, eu sei que não é certo dizer isso, mas até que dá um alívio, sabe? Dava pra ver que ele sofria. E, se tem uma coisa que eu realmente não gosto de cozinhar é gelatina. Até dissolver tudo é um parto, e nem tem gosto! É só suco falso em uma consistência esquisita. No meu tempo, sobremesa era goiabada, fruta. Hoje em dia, as crianças querem comer esses venenos, e agora os velhos também! Onde já se viu?

— É verdade, não tem gosto bom. Imagina, coitado do seu Júlio... Tu disse que ele sofria, né? Ele sofria de quê?

— Ah, sofria de coração, moça. A esposa dele tinha morrido pouco tempo antes de ele vir pra cá. Acho que ele quis se juntar com ela lá em cima, por isso foi logo também, por causa da solidão. Teve um tempo que a Marcele ficou mais próxima dele, às vezes me pediam bergamota pra ir comer no sol. Nesse tempo, achei que os dois deram uma melhoradinha. A Marcele acho que sofre do coração também, tá sempre chorando. Mas, depois que ele morreu, a coitadinha ficou bem mal. Tá magra, magra, magra: os pratos dela sempre voltam cheios, não come quase nada. Tomara que ela não esteja se entregando também. Ela é uma mulher nova, tem muito o que viver ainda, nem devia estar aqui... Ah, meu arroz! Desculpa moça, o papo está bom, mas eu preciso me concentrar aqui. Sou muito faladeira, sabe? Se deixar eu passo a manhã inteira aqui falando, mas tem que trabalhar, né?

É por isso que tenho confiança no meu trabalho. Eventualmente as peças se conectam, conseguimos encontrar padrões e descobrir aquilo que está por baixo dos panos. Claro, não são todos que conseguem ter sucesso - é preciso que tenhamos atenção aos detalhes, aos deslizes, às pequenas falhas humanas do dia-a-dia. É ali, no que se fala sem perceber, que encontramos nossas respostas.

Encontro Marcele em seu quarto, deitada embaixo das cobertas, fazendo um laço na pequena mecha de cabelo sintético da boneca. Ela dá o laço para logo depois desfazê-lo e, novamente, amarrar mais uma vez. Solta, prende, solta, prende. As mãos, um pouco trêmulas, parecem despende muito esforço na tarefa.

— Oi, Marcele. Sou eu, Paula. Posso entrar?

Novamente, os movimentos de sempre. Com a boneca no braço, arruma a cama e calça os chinelos para, segundos depois, sentar-se novamente enquanto dirige os olhos arregalados para mim.

— Escuta, eu já sei do que aconteceu com o Júlio. Tu deve sentir bastante a falta dele.

— Às vezes. Ele era meu amigo. A ambulância veio pra cá, ficou parada um tempão aí na frente, mas não conseguia entrar. Falaram que ele infartou. Não me deixaram ir no velório.

Busco a cadeira encostada na parede para sentar ao lado da cama.

— Não deixaram? Mesmo que vocês fossem próximos?

— É, não deixaram. Falaram que era melhor eu não ir.

Que absurdo. Será que eles sabem que é importantíssimo para o processo de luto que os familiares e amigos possam participar de um ritual de despedida? Não me admira que ela esteja abatida dessa forma. Será que alguém além da cozinheira percebe?

Escuto passos vindo em direção ao quarto, e nós duas viramos a cabeça na direção da mulher de branco que entra. É a mesma que obrigou dona Nair a cortar o cabelo - o rosto de fato continua com a mesma expressão mau-humorada. Sem olhar na minha direção, vai até Marcele e estende sua mão enluvada.

— Ó, tá na hora do remédio, Marcele.

Com os dedos trêmulos, Marcele alcança o remédio redondo, que coloca na boca e engole. Engole a seco. No silêncio do quarto, o barulho da garganta soa alto, quase como um grito oco e trancado. A mão enluvada da enfermeira repousa sobre o ombro de Marcele, em um misto de incentivo e de barreira que a obriga a permanecer sentada. Levanto-me da cadeira, certa de que Marcele vai engasgar, ter uma parada respiratória e desmaiar. Nada acontece.

A mulher espera ela terminar para virar as costas e seguir pelo corredor. Provavelmente passará em cada quarto, entregando os remédios secos de cada um, e esperando para ter certeza de que todos cumprirão com sua obrigação.

— Não machuca tua garganta tomar remédio assim, sem água?

Marcele dá de ombros, com a expressão cansada.

— Me acostumei.

— Há quanto tempo você mora aqui, Marcelle?

— Ah, não lembro. Uns dez, dois anos.

Suspiro. Se antes essa resposta poderia ser tomada como sintoma de loucura, agora já não sei mais. Pode ser simplesmente a estranha passagem do tempo em um lugar povoado por poeiras, naftalinas e um relógio que demora a correr.

— E o Júlio, sempre foi teu amigo?

— Não, antes ele não era. Daí virou meu amigo quando a gente começou a escutar música e dormir juntos. Depois parou de ser.

Sua expressão não muda - continua apática e tranquila. Meus olhos, entretanto, já estão arregalados.

— Dormiam juntos?

— É. Juntos.

— Ele que vinha no teu quarto? Ou tu ia no dele?

— Ele que vinha. Mas teve um dia que eu não quis mais que ele viesse, e a gente parou de ser amigos.

— O que houve? Ele fez alguma coisa que tu não gostou, ou não deixou?

— Não sei, não me lembro. Faz tempo. Às vezes ele me irritava.

Mais um trauma recalcado - mas, dessa vez, de um abuso? Será que a mesma Marcelle que engole remédios em seco teria a segurança necessária para barrar um homem que a assediasse? Isso é um absurdo. Tudo é um absurdo. Ela é abusada, tem seu carregador de celular roubado por sabe-se lá quem, toma remédios que raspam a garganta e é vista como louca. E tudo isso na própria casa, o lugar onde ela deveria poder relaxar e ser ela mesma. Isso não é lar.

Não consigo mais ficar aqui sentada, olhando Marcelle e pensando em tudo que ela já pode ter vivido. Peço licença e levanto, saindo do quarto e fechando a porta. Talvez tenha sido a única vez em que vi ela fechada - entretanto, a mais nova privacidade não é para Marcelle, mas para mim mesma. Sinto que não consigo respirar, os dentes trincados de raiva iniciando uma dor de cabeça. Coloco as mãos no rosto, tentando destravar a mandíbula e, ao mesmo tempo, segurar o peso da minha cabeça.

Como pode ser que um lugar desse continue funcionando? Não consigo entender. A equipe deveria ser processada por todo o mal que já fez aos moradores. Coitados, sendo tratados com tanto descaso. E há quantos anos? Os donos do asilo devem ser perversos, não há dúvida disso. Dizem que Marcele é a louca, mas parece que o argumento serve para encobrir suas próprias loucuras. Preciso fazer alguma coisa. Preciso fazer alguma coisa. Preciso. Preciso.

Escuto passos no corredor, mas não dou importância. Apenas tiro as mãos do rosto quando escuto a voz.

— Moça, você está bem?

É a mulher de branco que entregou os remédios mais cedo. Ela me encara em busca de algum sinal - provavelmente se perguntando se eu também preciso de medicamentos, imagino. Minha raiva não permite que eu desvie de seu olhar nem por um segundo.

— Não, não estou. E vou te falar o porquê. É um absurdo o trabalho que vocês fazem aqui! Isso mesmo, eu já sei de tudo. Quantas pessoas mais vão ter que morrer antes de vocês fazerem a merda de segundo controle para o portão? Quantas pessoas vão ser abusadas aqui dentro? Como vocês deitam a cabeça no travesseiro à noite? Eu espero que tu sintas bem no fundo do coração o peso da culpa que vocês carregam.

Ela apenas me olha. Eu, com os punhos cerrados e os olhos tremendo. Ela, com o rosto fechado, sem deixar transparecer nada. Até que, para o meu espanto, começa a chorar. É um choro descontrolado, cortado por soluços cheios de ar - aquele dos que seguram tudo o que sentem até que, em um momento aparentemente banal, explodem.

— Eu sei, eu sei, eu sei. Eu faço o melhor que posso. Mas você não sabe, moça, não sabe como é.

Ela seca os olhos, enquanto limpa o nariz na manga do jaleco. Parece não ter forças para se manter em pé, e apoia as mãos sobre os joelhos dobrados.

— Então me explica, porque eu realmente não sei.

— Tu não faz ideia de como é. Tu veio aqui duas vezes na vida, não viu nada. Imagina como tu te sentiria se trabalhasse em um lugar onde as pessoas estão só esperando pra morrer. Não tem vida aqui. Todos os dias, eu levanto sozinha uns dez idosos, dou banho, limpo até a bunda. Imagina! Nem pros meus filhos eu faço mais isso. Na verdade, nem tenho tempo pra ver os guris mais, vivo fazendo plantão aqui. É pior ainda de noite. Sempre tem

algum velho que acorda gritando com ataque de pânico, e daí me chamam. E eu, se tenho um ataque de pânico, quem vai me ajudar?

Na verdade, nem sei quanto tempo mais vou ficar aqui não. O asilo tá em risco de fechar. A Dona Luzia tá sem dinheiro pra pagar os funcionários, e o genro dela hipotecou o imóvel pra pagar dívidas que ele contraiu, sei lá eu como. E se fecha isso aqui, pra onde eu vou? Pra onde vão os velhos? O preço pra eles ficarem aqui não é alto e hoje em dia os asilos são quase hotéis de luxo.

Economizam em tudo: papel higiênico, água, remédios. Os velhos tomam banho só a cada dois dias. E nem o controle da garagem querem fazer pra não gastar. Eu tô com o pagamento atrasado há quase um mês. Tá todo mundo sofrendo. E parece que os velhos sentem, sabe? Esses dias a Dona Nair tentou pular a cerca elétrica pra fugir. Coitada, levou um choque e ainda caiu no chão, por um milagre não quebrou nada. Fizeram de tudo pra que ninguém descobrisse, mas aqui todo mundo sabe. Inventaram que ela tomou choque colocando o dedo na tomada do rádio, assim como acobertaram a morte do seu Júlio. A Marcele já pegou várias vezes a bolsa dela pra falar que ia embora, junto com todos os bichinhos de pelúcia que ela chama de filhos. Mas olha, vou te dizer, se eu estivesse aqui, largada pela família e com esse clima de morte todos os dias, eu também ia querer sair.

Eu gostaria de ir pra outro lugar, mas não tenho o que fazer. Mesmo formada em um curso técnico de enfermagem tá cada vez mais difícil conseguir um trabalho, e eu tenho dois filhos pra sustentar, não posso me demitir e arriscar. Mas olha, tá foda. Muito mesmo. Hoje, por exemplo, eu fico aqui a noite toda, enquanto um dos meus filhos tá em casa com virose. Não posso nem ir cuidar dele. Fico aqui, com o coração na mão, pensando se ele tomou remédio pra febre, se comeu direitinho. Então, moça, te digo isso pra tu pensar antes de falar. A gente quer fazer mais, mas não consegue. A gente é humano também. Tenho casa, tenho família, tenho minhas dores. Claro que eu sinto culpa, tu acha que não? Mas a gente tem que seguir vivendo e fazendo o que pode, mesmo que o peito aperte. Hoje, eu vou ficar aqui a noite inteira, cuidando dos velhos sem sequer piscar os olhos, mesmo estando muito cansada. Eu vou porque é o meu trabalho. E o teu, qual é? Aposto que é ficar julgando os outros.

Ela me olha, as mãos ainda apoiadas nos joelhos, mas com o choro já controlado. Parece que espera uma resposta. Eu também espero. Assim como ela, me sinto desamparada. Vim até aqui para procurar um carregador de celular roubado. Agora, já não sei o porquê de continuar. Será que ainda procuro o ladrão? Será que estou aqui para fazer companhia à

Marcele? Para desvelar os segredos? Ou sou apenas mais uma pessoa que vem, enxerga a situação terrível dos moradores e trabalhadores, e sai fingindo que nada aconteceu? Suspiro. Assim como a técnica, só posso fazer o meu trabalho da melhor forma possível, mesmo que o peito aperte.

— Desculpa, acho que não perguntei o teu nome. Eu sou a Paula.

— Me chamo Jaqueline.

— Jaqueline, eu fico aqui essa noite. Vai pra casa, vai ver teus filhos. Eu só preciso que tu me explique direitinho o que eu preciso fazer.

Capítulo 3

Ping. Ping. Ping.

Sentada no sofá da sala das idosas, luto para manter meus olhos abertos. Nos últimos quarenta minutos, entrei e saí dos estágios iniciais do sono - aqueles em que vemos muitas figuras desconexas. O rosto de Marcelle. O asilo pegando fogo. Uma pílula de remédio que vira naftalina.

Ping. Ping. Ping.

No cômodo escuro, escuto apenas os roncos das moradoras que dormem. E a maldita goteira. Pinga sempre do mesmo jeito, no mesmo balde molhado. Em um dos meus pseudo-sonhos, era pingo de urina. Quando acordei, demorei a entender que era água da chuva, já que o cheiro do lugar me fazia acreditar que era real. Urina de velho. Ping. Urina de cachorro. Ping. Cheiro de coisa orgânica. Ping. Cheiro de vida. Ping. Cheiro de morte.

A sala parece outra com as luzes desligadas - as sombras perto das estantes, da televisão, dos corredores, parecem fantasmas. Às vezes, juro ver um sorriso, ou escutar o barulho de uma cadeira de rodas. Quantos já morreram aqui? Quantos vieram com a mesma idade de Marcelle e, apesar de não serem idosos, permaneceram a vida inteira? Não tinham nenhum outro lugar pra ir? Será que um dia tiveram casa, família?

Ping.

Quantas pessoas sentaram neste sofá que hoje sento, com a mesma sensação de fazer parte de um ritual de morte? Será que todos fizeram o que quero fazer - sair antes que eu também vire parte disso? Não sei se serei assassinada ou assassina.

Fecho os olhos, exausta de pensar. De repente, já não sou mais eu. Meus dedos embaralham-se nas almofadas dos sofás, e dele nascem pequenas raízes. Elas crescem, até

que se enroscam em torno do móvel inteiro, até o chão. Seguem em direção aos corredores, aos quartos, às senhoras. Ping. Silêncio. Ping.

Quando acordo, sinto meu coração na garganta. Checo as minhas mãos, mas elas seguem sendo carne preenchida de sangue. Ping. Preciso fazer alguma coisa. Ping. Não posso ficar aqui. Ping. Não posso morrer. Ping. Não posso matar.

Meus passos pelo corredor quebram o silêncio. A primeira parada é o quarto de Marcele. Acendo a luz, sem me importar que ela acorde no mesmo segundo.

— Marcele, eu vim avisar que tô indo embora, mas não posso deixar vocês aqui. Se quiser, pode vir comigo, é só arrumar as tuas coisas. Vou avisar os outros.

Além de Marcele, consigo convencer mais cinco idosos a saírem comigo: Carlos, Nair, Judite, Edna e Inês. Nem todos quiseram vir, muitos nem acordaram quando eu chamei e outros disseram que eu estava louca. Uma das senhoras, Judite, quase não veio. Precisei puxar a pobrezinha da cama, quase caiu, estava em um sono profundo. Demorei um tempo para convencê-la, até que a lembrei da morte de Júlio e de que aquele poderia ser o seu próprio destino. De fato, precisei chacoalhá-la pelos ombros até que ela entendesse. Como pode? Ela não teme pela própria vida?

Seu Juca agiu de forma parecida quando fui chamá-lo. Parecia apático, conformado. Ora me chamava de louca, ora ria. Tentei convencê-lo durante cinco minutos, usando todas as estratégias que eu tinha. Disse que, se não viesse comigo, a dona do asilo ficaria sabendo que foi ele quem revelou a morte de Júlio para mim. Ele, na mesma apatia, apenas riu e disse: “Ah, menina, você é muito ingênua. Tem que ouvir a voz dos antigos. Já dizia Luiz Gonzaga: mil vezes a sina de uma gaiola desde que o céu pudesse oiá”. E rindo, tapou-se até as orelhas, me pedindo que o deixasse dormir. Resolvi que voltaria no dia seguinte para tentar convencê-lo mais uma vez.

Como a enfermeira me deixou com o controle, sei que nossa saída será rápida. Não vou esperar alguém abrir pra gente. Ah, que liberdade! Até sinto vontade de abrir e fechar a garagem várias vezes, só porque sei que posso.

— Ai, ai, menina, e se a gente morrer? — diz Judite. Parece apreensiva, o passo devagar demais até o portão.

— Existem coisas muito piores que morrer, Judite. — responde Nair. Ela foi a que levantou mais rápido. Já estava com a mala pronta. Disse que só estava esperando uma oportunidade de sair, e me ajudou a acordar outros moradores.

Ao sairmos pelo portão, ficamos todos parados por um segundo. O vento frio pinicando o rosto, a rua deserta e escura, as estrelas brilhando mais forte na zona rural. Assustador. Eletrizante.

Marcele suspira. Em um braço, carrega a sua bolsa rosa; no outro, uma trouxa de cobertor que segura todos os seus filhos-brinquedos. Me olha.

— Tô pronta pra sair.

Os pertences dos moradores ficam bem acomodados no porta-malas. Nós, entretanto, somos muitos para um carro tão pequeno. Nair, por ser maior e ocupar mais espaço, fica no volante. Diz que sente saudades de dirigir. Marcelle e Judite se apertam no banco da frente. Eu, Carlos e as outras duas senhoras nos encolhemos no banco de trás.

Nair parece estar com sede de velocidade. As ruas do bairro de Porto Alegre provavelmente não lembravam de corredora tão corajosa.

No início, todos parecem estar se divertindo, até que alguns começam a reclamar. Judite fala a cada trinta segundos de sua dor na lombar, que fica pior por ter que se espremer no banco ao lado de Marcelle.

— Então sai do carro, ué. — diz Nair. Os olhos só focam na estrada, nada mais. Para ela, é tudo que importa.

— Tá maluca? E como eu vou voltar?

— Ué, Deus te deu pernas.

Suspiro. Estava quase pegando no sono, e a briga me acordou.

— É, tu nem queria vir mesmo. Tem direito de querer sair. Nair, para o carro.

— Não, vocês que me levem de volta! Já que me obrigaram a vir. Por mim, eu nem teria levantado.

— Escuta o que tu tá dizendo! Não tem mais como voltar, já era. Eu só vou pra frente agora.

Nair freia o carro e desce, em um segundo abrindo a porta do banco do carona.

— Vamos, Judite, pode ir.

Judite, parecendo confusa, se move lentamente para fora do banco do carona. Muito lentamente. Passam no mínimo quarenta segundos até que ela esteja de pé, do lado de fora do carro, na rua de chão batido.

— Espera, Judite! — digo enquanto me estico até alcançar o porta-malas. — Aqui tem um pacote de bolacha, come se tu ficar com fome.

Logo já estamos correndo novamente na estrada, a silhueta de Judite imediatamente invisível na escuridão da zona rural.

Marcele abre o vidro, colocando uma das mãos para fora, os dedos acariciando o vento. A outra segura um ursinho que veste uma meia como touca, uma capa feita de tecido e um *bottom* do Cazuzo agarrado ao peito.

— É. Tem coisas muito piores que morrer. Olha, Dudu, sente o vento, filho.

É a primeira vez que vejo Marcelle rir.

Capítulo 4

Mais uma manhã na zona rural. Um homem vai até seu jardim, ainda de pijamas e com uma xícara de café com leite quente em mãos. Abaixa-se para pegar o jornal, cuidadosamente embalado em plástico transparente para que o sereno não o molhasse. Deixa a xícara de café sobre a mesinha da rua. Estica o corpo em uma cadeira de praia e desembala o pacote.

Na primeira página, a foto de uma desconhecida: “Falsa psicóloga sequestra idosos e uma incapaz em asilo de Porto Alegre”.

— Hã, curioso.

Bebe um gole da bebida, cospe um pigarro no chão e procura as palavras-cruzadas.

Introdução

Existem experiências que insistem. Que teimam em aparecer e nos convocam a criar algo com elas.

Larrosa (2002) entende que a experiência não é o que se passa ou o que acontece, mas o que *nos* passa e *nos* acontece. A narrativa que criei não diz respeito a fatos transcorridos ou um acontecimento que pode ser referenciado e coordenado no tempo e no espaço. Nunca coloquei os pés no mesmo asilo da minha escrita, nunca conversei com a mesma Marcele e nunca fiz anotações de planos infalíveis no caderninho de Paula - minha ficção não passa de invenção de palavras. Contudo, tal condição não impede que ela seja real: “O paradoxo próprio da ficção reside no fato de que, se recorre ao falso, o faz para aumentar sua credibilidade.” (Saer, 2009, p.2). O que escrevi é, antes de tudo, algo que *me* passou, em uma perspectiva de escrita diferente daquela busca contar com imparcialidade um evento, tal qual um observador neutro do mundo.

À experiência importa muito mais os afetos aos fatos. Não falo necessariamente de afetos agradáveis, apaziguadores e reconfortantes. A experiência, seja ela permeada pela escrita ou não, é marcada pelo risco, pela vulnerabilidade e pelo perigo. Larrosa (2002) compara o sujeito da experiência com a figura do pirata, que desbrava mares desconhecidos. Aqui, o comparo com a detetive-psicóloga, que também explora um campo aberto. Escrever essa ficção foi explorar os territórios do indizível e do impensável, operar uma dobra na minha experiência e reescrever fatos passados - reescrever uma nova narrativa ficcional sobre outra narrativa ficcional, a da memória. Iniciei o enredo sem saber o desfecho, deixando-me surpreender pelas minhas próprias andanças. Há, nesse movimento, uma angústia - aquela dos caminhos sem mapa, e da escrita que, assim como a memória, está em constante transformação. Ainda que a ordem das palavras não seja alterada, uma história é *n-1* (Deleuze & Guattari, 1980/2000), capaz de repetir e diferenciar-se em outras histórias ilimitadas (Deleuze, 1968/2006).

Apesar do caráter singular da experiência, é importante situar nossas invenções em algo do que se assemelha à realidade. Portanto, contarei os quase-fatos do que realmente aconteceu. Digo *quase* por pensar que, ainda que eu tente descrever com perfeita objetividade e imparcialidade, todo fato é ficção e toda narrativa é infiel à realidade.

A escrita parte de uma experiência de estágio em que fui acompanhante terapêutica de uma usuária da rede de atenção psicossocial de Porto Alegre com uma história de vida

parecida com a de Marcele. Dada a impossibilidade, tanto material quanto afetiva, de que sua família cuidasse dela integralmente, passou a viver em uma casa geriátrica privada na zona rural da cidade, onde era a moradora mais nova.

Apesar da impossibilidade de igualar a narrativa ficcional da escrita com a narrativa ficcional da memória, em muito se assemelha o asilo da narrativa com o asilo que visitei durante a prática de acompanhamento terapêutico, principalmente no que diz respeito aos maus tratos e descasos. É necessário apontar que as casas geriátricas tem sido tomadas como novas substitutivas ao manicômio, ainda que sejam regulamentadas apenas para abrigar pessoas idosas. Entretanto, assim como a moça que acompanhei, outras pessoas jovens com questões de saúde mental ou com deficiência acabam asiladas de forma ilegal por muito tempo, seja por insuficiência da rede familiar ou da rede de saúde.

Ao longo do acompanhamento cresceu a angústia e a preocupação de que eu estivesse sendo conivente com as situações que lá ocorriam, incluindo essa situação de moradia irregular. Assim, optamos enquanto campo de estágio por realizar uma denúncia do asilo pelo Ministério Público. É essa decisão que quebra o nosso vínculo com a família e com o asilo. A dona do estabelecimento defende que o acompanhamento terapêutico e a moradora estão colocando seu negócio em risco e assim recusa-se a abrigá-la por mais tempo. A família, por sua vez, leva a acompanhada para um novo asilo, cujo endereço é negado, impossibilitando nosso contato com a acompanhada.

A denúncia não acarreta nenhuma responsabilização legal, tanto para o estabelecimento quanto para a família. Não sei quais marcas ela fez em ambos - entretanto, carrego as que ela deixou em mim, e é a partir delas que escrevo. Escrever, aqui, não se propõe como algo resolutivo, ou catártico. Não se trata de ruminar a culpa, dobrar-se sobre o passado para que dele possamos extrair algo. A culpa enrijece a invenção e é característica do sujeito do ressentimento que busca permanecer sempre no mesmo lugar (Nietzsche, 1887/1998). Talvez fosse esse o lugar da minha escrita se, ao invés da ficção, eu buscasse contar com imparcialidade minha experiência de estágio até garimpar meu erro que culminou na quebra do laço terapêutico. Entretanto, busco fazer diferente. Aqui, a narrativa pode operar como essa invenção que transgride a trama da culpa, não para apaziguar o sofrimento, mas para colocá-lo em movimento, variação e criação.

Os paradoxos e os custos de escrever nas brechas dos planos do conhecimento

A escolha e criação de uma metodologia de pesquisa é, principalmente, uma escolha ético-estética (Silva, 2005), já que a partir dela afirmamos determinadas formas de viver e de compreender o mundo - quer estejamos cientes disso ou não. Ao afirmarmos a narrativa ficcional como ferramenta, tomamos nosso objeto de pesquisa como uma composição cartográfica - ou seja, não como existente previamente, mas inventado junto ao pesquisar.

Ainda que se crie um roteiro prévio ao texto, a narrativa sempre toma cursos inesperados para a própria escritora ou escritor. Durante minha escrita, teci e desfiz linhas, sem saber qual seria o desfecho do meu trabalho e, tal qual como a leitura de um romance policial, surpreendi a mim mesma nas últimas linhas. Tornar-se escritora-pesquisadora é andar sobre tramas de sentido que sempre trocam de lugar, mesclam-se umas às outras e puxam novas conexões, em um trabalho em que ficção e pensamento são construídos juntos. O nosso papel passa a ser, pouco a pouco, criar uma tapeçaria com pontas soltas o suficiente para que a obra não se desfaça, mas que dê espaço para que as próximas leitoras e leitores possam cartografar junto conosco o terreno que buscamos visibilizar.

A ficção aparenta diferenciar-se completamente do que chamamos por ciência. A primeira costuma ser relegada ao terreno do fútil ou do caprichoso - detalhes insignificantes dos quais a experiência humana parece prescindir (Saer, 2009). Já a ciência, preocupada com a objetividade dos fatos e das substâncias, insiste em perguntar “o que é x ?” a tudo em que tropeça (Costa & Fonseca, 2016). O que pode existir entre esses dois planos?

Não propomos uma virada romântica na qual a ficção passa a ocupar o lugar da ciência como aquela que, enfim, será a única permitida a falar sobre as coisas do mundo. Não colocamos em questão o objeto cartesiano dividido, sintético e coordenado para destruí-lo. Afirmamos o paradoxo existente entre as duas possibilidades de produção de verdades a fim de produzir hibridismos entre ambas - hibridismos paradoxais e não dialéticos, sem a busca por uma resolução e síntese das diferenças, mas a coexistência destas. Cria-se um *objeto-trama*, sempre aberto a novas conexões (Costa, Fonseca, Moehlecke & Neves, 2009).

Portanto, não é suficiente dizer que a realidade é também ficção e que a ficção é real. A ficção é real enquanto ficção, e o caso vivenciado é ficcional enquanto caso vivenciado, cada um com suas potências próprias. Não se pretende elevá-las à mesma categoria, mas torná-las porosas, visibilizando as tramas que as constituem mutuamente.

Textos ditos científicos também compõem experiências estéticas e sensíveis nas quais

estão presentes blocos de *afectos e perceptos*¹. A ciência produz, através de uma escrita limpa e nítida uma determinada modulação estética que produz afetos - por exemplo, a satisfação pela organização de ideias bem conectadas. Já as ficções também podem produzir um território de coordenação, característico das ciências (Deleuze & Guattari, 1997/2010), em alguns momentos com maior intensidade que outros. Clarice Lispector, ao criar um romance-ensaio em *Um Sopro de Vida* (1999), fala sobre o processo da ficção e da escrita de si, com traços de coordenação operando junto à composição.

A narrativa ficcional que constituo aqui aposta exatamente nesse paradoxo arte-ciência: ainda que seja produzida de forma literária e sensível, sua existência não se resume a tais especificidades. A partir dela também busco produzir sentidos sobre a experiência psi em uma tentativa de modulação das afetações e coordenações que pode-se fazer através da leitura. Porém, essa modulação é sempre incompleta, e jamais controla todos os efeitos da ficção - voltarei nesse ponto mais adiante.

Essa narrativa híbrida entre produção de sentidos e produção de afetações utiliza como ferramenta o conceito de *personagem conceitual*, também descrito por Deleuze e Guattari (1997/2010). O personagem conceitual surge do *plano de imanência*, relacionado à filosofia e a produção de conceitos a partir do agenciamento de uma trama pré-filosófica e sensível e apresenta-se como a encarnação de um conceito. A partir do personagem, constitui-se uma paisagem conceitos, afetações e proposições possíveis - inventadas *por* e inventoras *de* uma escrita (Costa & Fonseca, 2016).

Paula, a personagem da narrativa ficcional, coloca em questão diversos conceitos - e certamente, a cada olhar de leitora ou leitor que a inventa e é inventado por ela, encontraria mais vários. A partir de uma noção de ciência característica do século XIX, incorpora uma cientista-detetive-psicóloga paranóica e neurótica obsessiva, que tenta a todo custo fechar uma trama fragmentária em um círculo - essa seria, pois, uma das paisagens erigidas por essa personagem conceitual. Em alguns momentos, também assume a postura de uma psicanalista freudiana que busca a verdade escondida sob as palavras dos sujeitos. Em outros, age como a detetive preparada que busca pistas, como a bolsinha de Marcele, que guarda em um saco

¹ Conceitos trazidos por Deleuze e Guattari em “O que é a filosofia?” (1997/2010), que assemelham-se às afetações e percepções. Os afectos seriam forças sensíveis que, quando encontram e são encontradas pelo artista, produzindo um devir em dupla captura: tanto o artista ou obra quando os afectos são inventados. Já os perceptos referem-se à forma dos afetos - sem, entretanto, ser confundido com a percepção do objeto em si. Aos artistas cabe a enigmática tarefa de arrancar os afectos das afetações e os perceptos das percepções.

plástico para defender o resto da verdade objetiva da passagem traiçoeira do tempo. Perto do final da narrativa, encarna a profissional da política pública esgotada frente às impossibilidades do trabalho e que finda por produzir violências muito parecidas com aquelas contra as quais lutava.

É importante lembrar que o plano de imanência e o personagem conceitual não aparecem como uma solução para o paradoxo arte/ciência. Os três campos estão em constante conexão, e suas separações não são fixas nem identitárias. Entretanto, cada um dispara singularidades específicas, e encontrar uma solução para os paradoxos que criam entre si acarretaria em um apagamento de suas diferenças.

A escrita cartográfica que acontece no campo *entre* os planos de conhecimento traz com ela alguns efeitos, principalmente em relação à radicalização do intempestivo e da imprevisibilidade na ficção. Sem dúvida nenhuma, afirmar tal forma de pesquisar não vem sem um custo - um deles é a incrementação da impossibilidade de controlar os efeitos dos nossos gestos no mundo.

A ciência já teceu considerações a respeito disso, constituindo um método que busca ao máximo reduzir o ruído e produzir uma generalidade, a fim de criar uma comunicação direta, em que o que se entende é exatamente aquilo que se buscou dizer. Deleuze afirma que, entretanto, essa generalidade é impossível e que, mesmo quando são feitos grandes esforços para uma comunicação considerada pura, a repetição² (aqui tomada como sinônimo de produção de diferença) sempre aparece (Deleuze, 1968/2006).

A ficção não apenas reconhece essa diferença-repetição que sempre está presente na comunicação - ela a radicaliza, a afirma como método. É exatamente aí que abdica também do território da generalidade e da comunicação, aceitando a impossibilidade de estabelecer uma relação direta entre o que se diz e o que se entende.

Durante a minha escrita, senti os efeitos da minha escolha metodológica - nunca busquei que, com a minha ficção, eu produzisse uma generalização do que se passa em asilos porto-alegrenses, de como deve uma profissional agir em uma situação de institucionalização irregular ou de como são as senhoras que lá vivem. O que quis foi exatamente o contrário -

² Para Deleuze (1968/2006), a repetição se opõe radicalmente à generalidade. A primeira se referiria à singularidade e à diferença, com a impossibilidade de trocarmos um elemento de uma série por outro, já que são singulares e insubstituíveis. A generalidade permitiria essa troca, pois as singularidades de cada elemento são suprimidas na busca de uma comunicação - um “em comum”. Entretanto, a generalidade seria impossível - um botão em uma camisa poderá ser substituído por outro aparentemente igual; entretanto, cada um tem sua própria história: diferentes marcas, riscos, vincos, ainda que estes sejam imperceptíveis sob alguns olhares.

conduzir a leitora ou leitor à sensação de que tal sobrecodificação da história seria impossível, ainda que por vezes desejada. Entretanto, a todo momento, a ficção rompe com a intenção inicial de sua criação - mesmo que essa intenção seja produzir rupturas. Não sei o que mais ela pode produzir ao ser lida e, portanto, repetida em inúmeras séries de diferenciação. É possível que, após uma leitura, alguém pense que o que deve ser feito é entrar em asilos e libertar todos que lá moram? É. Assim como é possível que pensem que todos os asilos deve ser extintos, ou que asilos produzem cuidado e profissionais psis produzem gaiolas, de que a tutela asilar é um mal necessário, e, e, e... As composições de sentidos são ilimitadas. Cada vez que eu leio a minha própria narrativa, ela é outra, em uma nova repetição. Cabe à escritora ou escritor da ficção lidar com a angústia de que “algo só é uma obra de arte se guardar vazios suficientes para que deles saltem cavalos” (Deleuze & Guattari, 1997/2010, p. 196).

Romances policiais como disparadores para a escrita: a detetive-psicóloga que procura as peças faltantes de um quebra-cabeça

Ao longo da minha escrita, busquei um estilo contagiado pelo gênero do romance policial de detetive, especialmente por Agatha Christie e Arthur Conan Doyle. Essa escolha não se deu ao acaso ou por gosto literário particular - trata-se, novamente, de uma escolha metodológica e ético-estética para produzir algumas visibilidades através da ficção através do arranjo de singularidades e do campo de possibilidade de afetações engendrados pelo gênero.

Tal escolha deve-se principalmente às tramas que se constituem entre o romance policial e a escrita de caso característica das ciências psis. A mesma comparação já foi feita por diversos autores, especialmente em relação às semelhanças entre Freud e a figura de Sherlock Holmes. Ambos encarnariam a razão e o método científico de maneiras muito similares, não somente a partir de sua análise dedutiva e metódica dos dados, comumente apontada, mas também por fazerem parte do sujeito universal da produção de conhecimento: homens brancos, de meia-idade e europeus.

Em ambos há a atenção aos detalhes que primeiramente parecem insignificantes, para em um segundo momento aparecerem como fundamentais na trama narrativa, seja do sujeito ou do crime. A(o) detetive e a(o) psicóloga(o) passam a seguir rastros, pistas deixadas de forma não-intencional pelo culpado - impressões digitais, atos-falhos, sonhos. A minha questão que culmina no surgimento da escrita é: o que fazemos com essas pistas? Como construímos e transmitimos nossa experiência clínica?

Paula às vezes se parece com eles - tenta procurar a lógica existente entre o que chega para ela, seja diagnosticando a subjetividade de Marcele e tentando encontrar em seu relato algo de uma verdade objetiva; seja sua mente analítica procurando algum culpado para o roubo de celular sem revelar seus planos aos suspeitos. Por fim, essa postura parece cair, ao passo que não dá mais conta da complexidade de afetos que ali ocorrem - e é quando Paula parece enlouquecer - ou tornar-se humana.

Há uma passagem na obra de Freud (1937) em que o autor coloca que o tratamento analítico seria o trabalho de encontrar e montar um quebra-cabeça de nossas histórias, a fim de reconstituir a figura da verdade - e, quando as peças estivessem perdidas, tentar reconstruí-las (Dunker, Assadi, Bichara, Gordon & Ramirez, 1999). Assemelha-se muito ao modo como se estrutura um romance policial de detetive: a proposta de que o leitor faça parte

de um jogo, tentando desvendar o quebra-cabeça antes do detetive, e que seja, assim como ele, um caçador de pistas (Reimão, 1983).

O romance costuma terminar sem peças faltantes - a catarse final em que tudo volta ao seu lugar. O assassino é identificado, e a paz social é restabelecida: ele recebe a punição que o cabe, enquanto a vítima pode ter seu lugar restituído na sociedade. É talvez o que torna a leitura de um romance policial leve: a certeza de que nas últimas páginas encontraremos uma solução, algo que conecte os pontos de sentido que outrora estavam apenas sobrevoando nossos pensamentos, sem encontrar lugar de pouso seguro. Durante a leitura de Agatha Christie, temos a certeza de que Miss Marple conseguirá encontrar, em mais uma nova trama, uma solução - já o fez antes, portanto, seu método aparece como infalível para o leitor.

A escrita de caso que proponho é muito diferente. Se antes o jogo que se apresentava ao leitor, tanto nos escritos iniciais de Freud quanto nos romances policiais, era de montar um quebra-cabeça que propõe-se completo, aqui podemos pensar na oferta de um cubo mágico indecifrável. É também um jogo, mas onde a completude é impossível. O leitor pode tentar decifrar - e às vezes sente que quase consegue - até que, por fim, se encontra mais uma vez com facetas que jamais ficam da mesma cor, em um eterno movimento que gira em inúmeras direções. Não há culpado para a situação do asilo, ao mesmo tempo em que todos são responsáveis . O roubo do carregador de celular nunca é solucionado e não sabemos o que acontece após a fuga/sequestro. O que fazemos com essa inconclusividade?

O que fazemos com o inacabado?

A ideia de que a narrativa psi é formada por restos de um acontecimento carrega consigo uma falha inevitável. Podemos nos colocar no lugar do homem detetive e acreditar que solucionaremos a trama misteriosa, se formos perspicazes o suficiente. Entretanto, a solução completa é impossível no nosso campo, onde cada situação singular é formada por um agenciamento de inúmeras singularidades. Cada pista que a detetive-psicóloga puxa abre necessariamente uma nova série de pistas e direções a seguir, e nos vemos percorrendo um rizoma que nunca leva a um ponto central e final. Podemos pensar, portanto, que existe uma obrigatoriedade do inacabamento nas coisas complexas (e que talvez sejam todas) - da qual, ainda que tentemos fugir, não conseguimos.

Ao nos vermos sem saída em direção à completude, enfrentamos alguns afetos possíveis. Podemos paralisar no tempo, tal qual o homem do ressentimento de Nietzsche (1887/1998). Assim, encurraladas(os) na parede, sacamos do bolso nossa lupa detetivesca e, com ela, passamos a analisar cada nó de cada meada da nossa tapeçaria psi. Aprisionadas(os) no que poderia ter sido e no que mais poderíamos ter feito, o fardo da culpa pesa no pescoço curvado, que cada vez se aproxima mais da obra, sem encontrar soluções para as pontas soltas. Faltou cuidado e atenção na tecelagem. Talvez os dedos nervosos e apressados tenham feito pontos frouxos demais, ou apertados demais. Pecamos no acabamento, tão importante na arte têxtil e muitas vezes relegado à pressa de quem busca logo entregar seu produto. Percebemos um pequeno fio intruso que foi costurado junto aos outros, mas que agora está preso demais para que possamos tirar. A ruminação é de tempo ilimitado, como uma repetição neurótica do que passou e uma busca incessante de encontrar os próprios erros na narrativa ficcional da memória (Cezar, 2018).

A repetição, porém, nunca é total e sempre opera diferença. A ruminação é de tempo ilimitado e não infinito porque, ainda que possa estender-se indefinitivamente, não é totalitária e não tem acesso à eternidade. É como o ritornelo, em que a reiteração de uma melodia opera variações, deformações e infidelidades na partitura, abrindo algumas linhas de fuga e espaços para a invenção (Deleuze & Guattari, 1997/2012).

Outra possibilidade frente ao inacabado é afirmá-lo como tal, apostando nas fugas que a repetição pode operar. Ao assumirmos o inacabamento do nosso trabalho incrementamos a variação de sentidos operada por ele. Aceitamos o fio costurado acidentalmente, a quebra de um vínculo terapêutico, uma intervenção feita em momento inoportuno, seguindo no

território do “a partir de”. A culpa passa à responsabilização e a ruminação, à invenção. O fio intruso passa a ser fio intempestivo, integrado à tapeçaria com a estética da cartografia que a compõe junto ao inesperado.

É preciso ter sempre em mente que esses movimentos tampouco são totais (Cezar, 2018). Ora pode-se operar pela via do ressentimento e da ruminação, ora pela invenção - e é a partir desse fluxo de trocas que escrevo minha narrativa. Apesar de partir da premissa da invenção, os afetos que permeiam minha escrita são múltiplos. Lembro da frase de uma supervisora acadêmica: “o primeiro estágio é uma experiência que marca com fogo”. Nietzsche (1887/1998) traz que a memória e a culpa passam pela necessidade de que a dor e o sofrimento impeçam o sujeito de esquecer: “Grava-se algo a fogo, para que fique na memória. Apenas o que não cessa de causar dor fica na memória” (Nietzsche, 1887/1998, p. 50).

Por algum tempo, vivi essa experiência no território do ressentimento, a partir das marcas de fogo que dela herdei. Repensei a necessidade da denúncia ao ministério público, os contatos que estabeleci com a família da acompanhada, com o asilo - e a lista segue indefinitivamente pois, caso eu me debruçasse por mais tempo sobre o que aconteceu, encontraria muitos fios soltos. Não encontrei soluções nessa via - pelo contrário, já que a ruminação sobre o sentimento de culpa finda por intensificá-lo.

O que busco fazer aqui é exatamente pensar a minha própria experiência do ressentimento de uma maneira mais inventiva, conectando as pontas - não entre si, para fechar uma compreensão de um tecido circunscrito, mas as abrindo ainda mais para que possam estabelecer conexões com outras tapeçarias, bordados, costuras. Antes de buscar falar sobre Marcele, quis fazer ver práticas e afetos psíquicos, colocando meu próprio corpo e práticas em questão. Não busquei uma catarse que aliviasse o peso da culpa no pescoço, mas uma possibilidade de invenção a partir da ficção, deixando de lado a escrita fiel ao caso e apostando em uma trama onde a diferenciação entre o falso e o verdadeiro é bagunçada.

Certamente a culpa e a invenção coexistem nessa escrita e nas leituras que delas serão feitas. Não se trata, assim como na mistura entre arte e ciência, de encontrar uma resolução dialética entre ambas as possibilidades, mas de afirmar o paradoxo com o qual pesquisamos. Aqui, deixo o convite para que outras(os) também possam explorar uma escrita na ético-estética do paradoxo, e experimentar com o corpo os afetos que tanto nos permeiam.

Referências Bibliográficas

Bondiá, J. L. (2002). *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Em: Revista Brasileira de Educação, nº 19, 20-28.

Bottoni, F. D.; Costa, L. A. (2018). *Ética ficcional-cartográfica: a procura humilde e a força frágil*. Em: Quaderns de Psicologia, vol.19, nº 1, 89-100.

Cezar, B. E. S. (2018). *A ética da memória nos trilhos da ferrovia: Narrativas poéticas de um processo de pesquisa*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. Disponível: <http://bit.ly/36GHZOS>

Costa, L.A; Fonseca, T. M. G.; Moehlecke, V; Neves, J. M (2009). *O delírio como método: a poética desmedida das singularidades*. Em: Revista de Psicologia da UNESP, nº8, 169-189.

Costa, L. A.; Fonseca, T. M. G. (2016). *O Personagem Conceitual e a Poética Ficcional: Uma estratégia de escrita no empirismo transcendental*. Em: Lemos, F. C. S.; Galindo, D.;

Bicalho, P. P G.; Oliveira, F. V.; Santos, I. C.; Santos, A.; Scany, E. N. M. E.; Almeida, M. T. B. (Orgs.), *Criações Transversais com Gilles Deleuze: Artes, Saberes e Política* (pp. 132-152). Curitiba: CRV.

Deleuze, G. (1968/2006). *Diferença e Repetição*. São Paulo: Edições Graal

Deleuze, G. (1975/2015). *Lógica do Sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A.

Deleuze, G., Guattari, F. (1980/2000). *Mil platôs 1: Capitalismo e Esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G; Guattari, F. (1997/2010). *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34.

Deleuze, G.; Guattari, F. (1997/2012). *Mil platôs 4: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.

Dunker, C. I. L.; Assadi, T. C.; Bichara, M. A. M.; Gordon, J.; & Ramirez, H. H. A. (2002). *Romance policial e a pesquisa em psicanálise*. Em: Interações, vol. 7, n.13, 113-126.

Foucault, M. (1984/2004). *A ética do cuidado de si como prática da liberdade*. Em: Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política 99-116. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Freud, S. (1937/1988). *Construções em análise*. Em: _____. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu. vol. XXIII.

Lispector, Clarice (1999). *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco.

Nietzsche, F. (1887/1998). *Genealogia da Moral: Uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras.

Reimão, S. L. (1983). *O que é romance policial*. São Paulo: Brasiliense.

Saer, J. J. (2009). *O conceito de ficção*. Em: Sopro, n.15, 1-4.

Silva, R. N. (2005). *A invenção da Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.